

Grupo Central do Fórum Consultivo
4.ª reunião
12 setembro 2013
Belo Horizonte, Brasil

**Risco e financiamento no setor cafeeiro:
Relatório sobre o andamento do estudo
conjunto da OIC e do Banco Mundial**

Antecedentes

1. Em setembro de 2012, o Grupo Central decidiu que três estudos para examinar risco e financiamento no setor cafeeiro seriam elaborados pelo Banco Mundial, em colaboração com a OIC. Os estudos identificarão os riscos e limitações que existem em diferentes segmentos da cadeia de valor; determinarão seu impacto sobre a disponibilidade e o custo do financiamento; e, dentro do possível, proporão medidas potencialmente capazes para mitigar esses riscos. Os estudos serão dirigidos a três grupos distintos: produtores de café, empresas do comércio cafeeiro e formuladores de políticas. Em dezembro de 2012, o Diretor-Executivo distribuiu uma nota conceitual sobre os estudos, pedindo aos Membros que prestassem assistência aos consultores designados pelo Banco Mundial para preparar os estudos (ver documento ED-2146/12). Em março de 2013, O Grupo Central apreciou o documento CG-7/13, que delinea o enfoque adotado nos estudos e seu provável conteúdo.

2. Nas páginas a seguir reproduzem-se o relatório de andamento apresentado pelo Banco Mundial e seus Anexos – estes últimos só disponíveis em inglês. O relatório é publicado para dar aos Membros a oportunidade de fazer comentários, sugestões e informações adicionais que possam ser usados na elaboração dos resultados finais. O relatório final, dependendo da obtenção de maiores informações, será distribuído no verão do hemisfério Norte de 2014 e apreciado pelo Conselho em setembro de 2014.

Anexo 1 – Riscos da produção e do processamento primário

Anexo 2 – Riscos do comércio intermediário e das exportações

Anexo 3 – Identificação de problemas com os empréstimos

Anexo 4 – Informações sobre o setor cafeeiro de países específicos

Anexo 5 – Explicação geral sobre a cadeia de valor do café

Anexo 6 – Exemplos de estudos de caso

Ação

Solicita-se ao Grupo Central que aprecie este documento.

Estudo conjunto



RISCO E FINANCIAMENTO NO SETOR CAFEEIRO

RELATÓRIO SOBRE O ANDAMENTO DO ESTUDO
CONJUNTO DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL
DO CAFÉ E DO BANCO MUNDIAL

Nota informativa a ser apresentada nas reuniões
de setembro de 2013 da Organização Internacional
do Café (OIC)



THE WORLD BANK



Ministry of Foreign Affairs of the
Netherlands



Schweizerische Eidgenossenschaft
Confédération suisse
Confederazione Svizzera
Confederaziun svizra



INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION

ÍNDICE

Antecedentes

Progresso até agora

Justificativa deste trabalho

Considerações adicionais

Lições aprendidas inicialmente

O caminho adiante / As próximas etapas

ANEXOS

Anexo 1 – Riscos da produção e do processamento primário

Anexo 2 – Riscos do comércio intermediário e das exportações

Anexo 3 – Identificação de problemas com os empréstimos

Anexo 4 – Informações sobre o setor cafeeiro de países específicos

Anexo 5 – Explicação geral sobre a cadeia de valor do café

Annex 6 – Exemplos de estudos de caso

Ambiente propício

O surto de ferrugem do café latino-americano de 2012: “cisne negro” ou “novo normal”
– com agradecimentos ao Dr. P. S. Baker, CABI

Intervenções individuais

Modernizando uma cooperativa de café costa-riquenha – com agradecimentos
a Carlos Vargas & Sebastien Lafaye, Coopetarrazu, Costa Rica

Minimizando os riscos dos preços através de opções de compra – com agradecimentos
à Sustainable Harvest Coffee Importers, Portland, EUA

Intervenções programáticas

Atual dinâmica do financiamento no setor cafeeiro queniano – com agradecimentos
a John Amino, Fundo de Desenvolvimento do Café do Quênia

Implementando a gestão de risco dos preços no mercado ruandês – com agradecimento
a Paul Stewart, Technoserve

1. Antecedentes

O Banco Mundial, juntamente com a OIC e seus Membros, está desenvolvendo uma tipologia de melhores práticas globais nas áreas de financiamento agrícola e gestão de risco para o setor cafeeiro. Espera-se poder identificar os riscos e limitações que existem em diferentes segmentos da cadeia de valor; determinar seu impacto sobre a disponibilidade e o custo do financiamento; e, dentro do possível, propor medidas potencialmente capazes de mitigar esses riscos. O propósito deste relatório preliminar é dar uma ideia sucinta do avanço conseguido até agora e expor algumas das observações iniciais, dando aos Membros da OIC a oportunidade de, quando apropriado ou solicitado, apresentar comentários, sugestões e informações adicionais para uso na elaboração dos resultados finais.

2. Progresso até agora

Até agora, numerosas fontes potenciais de informações relevantes foram contatadas nos setores público e privado. As respostas recebidas sugerem que, embora haja diversas intervenções governamentais bem divulgadas em alguns países (entre as quais mecanismos de apoio aos preços)¹, as iniciativas que visam ao acesso dos pequenos e médios produtores a financiamento identificadas até agora em sua maioria provêm de ONGs, de emprestadores orientados por objetivos sociais e de outros participantes do setor, frequentemente como parte da promoção da sustentabilidade na cadeia da oferta como um todo, mas, também, como resultado de tentativas de melhorar a segurança do abastecimento em geral. Nesta fase, é óbvio que ainda restam muitas lacunas nos dados e informações sobre as atividades em curso para resolver as questões dos riscos corridos pelo setor cafeeiro e da insuficiência de financiamento, especialmente em nível nacional ou macroeconômico. Para continuar a progredir, será preciso obter dados dos países produtores de café sobre suas atuais atividades e programas.

Além disso, a variedade das questões relativas a risco e financiamento nos setores cafeeiros identificadas até agora, em conjunção com vastas diferenças nos diversos países, deixa claro que, por si só, nenhum enfoque conduzirá a todas as respostas. É provável que haja numerosos enfoques potenciais que reúnem – entre muitas outras técnicas e estratégias adotadas para enfrentar os problemas dos riscos e da insuficiência de financiamento a que o setor cafeeiro está exposto – uma série ampla de opções de financiamento, públicas, comerciais, sociais e de títulos.

¹ *Notar que, a menos que seja possível conseguir cobertura (hedge) para o produto ou vendê-lo antecipadamente, a concessão de financiamento para reter estoques na expectativa de posteriores altas de preços naturalmente deixa os cafeicultores totalmente expostos aos riscos dos preços. A Cédula de Produto Rural (CPR) do Brasil, sobre a qual se discorrerá no relatório final deste estudo, oferece uma resposta interessante a este problema, mas o Brasil evidentemente desfruta de um comércio de futuros com clima altamente sofisticado – ver http://siteresources.worldbank.org/INTARD/Resources/RFI_final.pdf*

3. Justificativa para este trabalho

Como se determinou na reunião de setembro de 2012 do Grupo Central do Fórum Consultivo sobre Financiamento do Setor Cafeeiro da OIC, o objetivo deste estudo é identificar riscos em diferentes segmentos da cadeia de valor; determinar seu impacto sobre a disponibilidade e o custo do financiamento; e, dentro do possível, propor medidas capazes de mitigar esses riscos. Espera-se que a gestão de risco dentro da cadeia de valor amplie a disponibilidade de financiamento e reduza o custo deste, pois, na maioria dos casos, nem os potenciais tomadores de empréstimos nem os potenciais emprestadores entendem completamente os riscos ligados aos diferentes elos da cadeia de valor do café. O resultado é que os emprestadores hesitam em emprestar e os tomadores em tomar empréstimos. Esta situação é complicada pelo fato de que, com frequência, os participantes da cadeia da oferta não entendem suficientemente os riscos da cadeia e, por isso, não têm condições de mitigar esses riscos.

Nossas pesquisas iniciais até agora confirmam que, para quem empresta ao setor cafeeiro, o risco continua a ser um dos custos primários não definidos, e parece influir muito na redução das importâncias disponibilizadas ao setor em todo o mundo. Isso se revela, especialmente, na fase de produção da cadeia da oferta. Até o momento os métodos para a quantificação dos riscos ligados à agricultura são poucos e limitados, mas a quantificação e a gestão dos riscos poderia catalisar maior acesso a financiamento. A integração da gestão de risco nos processos bancários de avaliação de crédito daria aos bancos um quadro mais claro dos riscos a que seus clientes – e, na verdade, toda a cadeia da oferta – estão expostos e, potencialmente, melhoraria o acesso ao crédito pelos clientes, ao mesmo tempo que fortalecendo os portfólios dos próprios bancos. Além disso, os emprestadores teriam melhores condições de atribuir preços apropriados aos riscos, cobrando maiores prêmios aos participantes que gerissem seus riscos com a menor eficácia, e recompensando os que os gerissem da forma mais eficaz. Isso significa que a gestão de risco traz benefícios significativos não só para o perfil do tomador de empréstimos, mas também para a capacidade de emprestar das instituições financeiras. **A melhoria da identificação dos grandes riscos e dos meios de os gerir em todas as fases da cadeia da oferta permitirá que os participantes da cadeia se tornem mais atraentes para os emprestadores. De forma análoga, melhor compreensão pelos emprestadores dos riscos a que o setor cafeeiro está sujeito permitirá avaliar melhor a capacidade creditícia de sua clientela.**

4. Considerações adicionais

Outras questões precisam ser consideradas em paralelo com o risco. Ao discutir a questão do acesso a financiamento pelos participantes da cadeia da oferta, o risco de forma alguma constitui a única – e em certos casos a principal – barreira à extensão dos serviços financeiros ao café. Observa-se isso principalmente quando não existe um ambiente

propício (ou seja, legislação apropriada, regulamentação, política, apoio, informação). A falta desse ambiente pode levar a uma apreciação exagerada de certos riscos e a maiores custos financeiros. Os problemas ligados aos riscos e ao financiamento também se tornam mais graves quando os prerrequisitos tradicionais para a tomada de empréstimos (conhecimentos básicos de finanças pelos tomadores, gestão de negócios adequada, etc.) não existem. Esta questão, embora verdadeira, poderia ser resolvida se os próprios participantes da cadeia da oferta tomassem medidas relativamente simples – por exemplo, divulgando conhecimentos básicos de finanças entre produtores ou introduzindo práticas adequadas de contabilidade entre colhedores e comerciantes. O presente relatório, portanto, considerará como a melhoria da gestão de risco pode facilitar o acesso a financiamento, e como medidas independentes para melhorar o acesso a financiamento podem melhorar a viabilidade bancária dos clientes. Em resumo, o objetivo deste trabalho é facilitar a melhor compreensão dos riscos e do setor cafeeiro em geral para, idealmente, aprimorar a interação de diferentes participantes ao longo da cadeia financeira e melhorar o acesso a financiamento.

5. Lições aprendidas inicialmente

As pesquisas feitas e os dados coletados inicialmente proporcionaram diversas lições preliminares de interesse. Essas lições serão expandidas e outras serão cobertas no relatório final, mas uma pequena seleção delas é apresentada abaixo.

A) Acesso a financiamento é necessário em toda a cadeia da oferta de café

As pesquisas iniciais indicam que, no tocante à questão da insuficiência de financiamento para o setor cafeeiro, a atenção dos governos, agências de desenvolvimento, ONGs e outras instituições se concentra nos pequenos cafeicultores. Isso não supreende, pois o segmento produtivo da cadeia da oferta de café abriga os grupos mais vulneráveis, que incluem muitos pequenos e médios produtores. Tem-se também a ideia de que o segmento contém os maiores riscos, que o torna menos atraente para os financiadores – basicamente, há mais riscos no segmento produtivo da cadeia da oferta, devido não só à enorme quantidade dos riscos da produção e da comercialização, mas também aos prazos para liquidar empréstimos nesta área (para investimentos em infraestrutura e em operações pré-sazonais e insumos). No entanto, além de explorar vários possíveis enfoques que se poderiam adotar para gerir os riscos corridos pelos grupos em questão, também será preciso focalizar a melhoria do financiamento de outros segmentos da cadeia da oferta, em particular o dos operadores internos, para quem pode ser difícil acessar financiamento para funcionar com eficiência máxima. O trabalho inicial mostrou que, para melhorar o acesso a financiamento, é preciso contemplar uma gama de intervenções distintas que atendam aos diferentes participantes da cadeia da oferta. O documento final porá em relevo intervenções tanto no segmento produtivo quanto em outros segmentos de toda a cadeia da oferta de café.

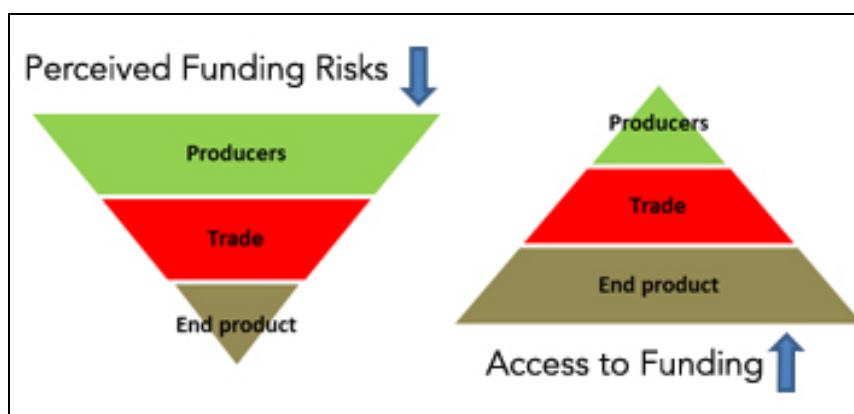
B) Financiamento em geral é disponível no segmento menos arriscado da cadeia da oferta

O valor agregado aumenta à medida que o café se move ao longo da cadeia de valor, e de forma mais intensa no segmento importador, como indica o quadro abaixo. Esse fato é altamente relevante, pois mostra por que o segmento inicial da cadeia de valor é atingido pela maior escassez de financiamento (valor baixo / risco alto), enquanto o segmento importador/varejista se beneficia de acesso a financiamento barato (valor alto / risco baixo). Os maiores desafios e oportunidades para melhorar o financiamento através da melhoria da gestão de risco se encontram nos elos iniciais da cadeia da oferta.

Cadeia de valor por segmento	Ex-dock a 200 centavos de US\$/lb			Ex-dock a 150 centavos de US\$/lb		
	Valor em cents/lb	Valor em US\$/TM (arredondado)	Valor de 1 contêiner de 18.000 kg	Valor em cents/lb (arredondado)	Valor em US\$/TM	Value de 1 contêiner de 18.000 kg
Valor cumulativo = varejo	511,40	11.274	202.932	417,30	9.200	165.600
Equivalente ex-dock	200,00	4.409	79.362	150,00	3.307	59.526
Equivalente porta de armazém	157,10	3.463	62.334	110,80	2.443	43.974
Café cereja porteira de fazenda	96,25	2.122	38.196	50,00	1.102	19.836

Arábica – Todo no equivalente em café verde, ou ECV. Fontes: dados da OIC (preços de varejo) e cálculos próprios.

O diagrama abaixo ilustra a percepção de que os maiores riscos estão no segmento produtivo e os menores no segmento varejista da cadeia da oferta de café; e de que os riscos se reduzem à medida que a cadeia progride. Assim, parece haver uma relação inversa em matéria de acesso a financiamento e, devido à percepção de que os riscos diminuem, fica progressivamente mais fácil obter financiamento à medida que se avança na cadeia.



A) Não são só os riscos que limitam o financiamento

Informações recebidas dos participantes do setor sugerem que, além das limitações à concessão de financiamento aos pequenos cafeicultores em termos absolutos (sobretudo devido à percepção de que há níveis altos de risco creditício), esses participantes notaram a inabilidade dos produtores de acessar financiamento, mesmo quando este é oferecido / está disponível. Há múltiplas razões para tanto, entre as quais falta de conhecimentos básicos sobre finanças, pouca familiaridade com o setor financeiro formal, falta de representação das instituições financeiras nas zonas rurais, etc. Estão sendo preparados estudos de caso que mostram que educar os produtores em gestão financeira básica e manutenção de registros tem o potencial de expandir de forma significativa o acesso dos pequenos cafeicultores a financiamento.

B) Tipos diferentes de empréstimos trazem riscos diferentes

Há diferenças significativas entre financiamento das operações pós-colheita e da produção – e essas diferenças influenciam muito o nível de financiamento disponível e apresentam níveis muito diferentes de risco. Seria, portanto, incorreto supor que a escassez de financiamento para os produtores se deve exclusivamente à percepção de maiores riscos. Em vez disso, os emprestadores em geral se dispõem a conceder empréstimos a prazos mais curtos de preferência a prazos mais longos – e isso parcialmente explica por que os empréstimos tradicionais dos bancos comerciais se concentram nas fases pós-colheita, em que as necessidades de financiamento quase sempre são de curto prazo. Como os dois tipos de financiamento, isto é, para a produção e para as operações pós-colheita, são significativamente diferentes, o relatório final incluirá perspectivas separadas dos riscos em diferentes fases da cadeia da oferta.²

C) Agregação como meio de expandir o acesso dos produtores a financiamento

O meio mais comum de melhorar o acesso dos produtores a financiamento tem sido sua agregação em associações ou grupos. Há muitos tipos de agregação e, dependendo da situação, a agregação poderá ou não facilitar o financiamento. Algumas constatações iniciais sobre agregação, risco e acesso a financiamento são detalhadas abaixo:

- a) A promoção da agregação presume que o agrupamento de pequenos produtores os tornará ‘financiáveis, mas deve-se reconhecer que isso, por si só, não resolve

² Como estas perspectivas podem se tornar muito extensas e duplicar informações disponíveis em outros lugares, é provável que elas sejam apresentadas na forma de quadros. Ver Anexo 1 (Produção e processamento primário) e Anexo 2 (Comércio intermediário e exportação). O Anexo 3 cobre questões relativas a empréstimos.

a questão da viabilidade individual. No final, deve-se reconhecer que, para ser 'financiáveis', os pequenos produtores precisam ser economicamente viáveis.

- b) A agregação da oferta presume a existência de interesses comuns, por exemplo, em relação aos postos de lavagem que recebem café em cereja das áreas de captação circunvizinhas. Muitas das iniciativas identificadas até agora foram construídas em torno das operações desses postos, que, em sua maioria, são propriedade de cooperativas. O desafio, contudo, consiste no fato de que a agregação da oferta é muito mais difícil de conseguir no setor do café seco ao sol ou natural, pois é difícil demonstrar valor agregado no curto prazo. Além disso, a opção das vendas laterais (para obter dinheiro imediato) está sempre disponível, como também a possibilidade de retenção do café como forma de poupança pelos cafeicultores. Parece, portanto, que há mais iniciativas baseadas na agregação no setor do café lavado (Arábica Suave) do que no setor muito maior do café seco ao sol (Arábica e Robusta), mas a necessidade de financiamento na verdade pode ser maior, precisamente porque é mais difícil encontrar catalisadores para a agregação. Isso apresenta um desafio interessante: a possibilidade de conseguir agregação pode ser mínima como meio de acessar financiamento quando sua necessidade na verdade é máxima.
- c) As cooperativas, por natureza, são instituições baseadas em colaboração e podem precisar de aprovação dos membros para tomar decisões administrativas no dia a dia. Às vezes as estruturas de gestão das cooperativas podem não capacitar seus gestores a 'administrar' adequadamente o negócio. Isso pode resultar em longos processos de decisão para vender, ou em relutância em investir em novas estratégias de gestão de risco, impedindo que a empresa funcione em condições ótimas e, com isso, reduzindo sua aptidão para atrair financiamento. Tem-se argumentado que, para poderem funcionar em condições ótimas, as cooperativas talvez precisem separar as decisões administrativas da influência dos membros.
- d) As experiências dos bancos ao emprestar a cooperativas e associações do café nem sempre são positivas, pois os membros nem sempre são suficientemente coesos em relação ao cumprimento das obrigações que compartilham, e isso pode levar ao não pagamento de empréstimos. Os relatos de experiências coligidos até agora incluem os de uma organização de cafeicultores de Uganda que comercializa Robusta natural e se habilitou a receber um primeiro empréstimo formal em 2010. Com isso, ela pôde processar e exportar com sucesso parte de seu café diretamente, pagando preços mais altos a seus membros. Depois do pagamento integral do primeiro empréstimo, um empréstimo maior foi obtido para a safra de 2011, também com bons resultados. Um empréstimo ainda maior foi obtido para 2012, parte do qual foi então usado para adiantar dinheiro aos membros. Mas o descumprimento por um número substancial de membros da promessa de fornecer café e liquidar os adiantamentos recebidos, mais a aparente falência de um cliente, levou a organização

a incorrer em atraso e, em meados de 2013, o empréstimo só havia sido pago em parte. A íntegra do estudo de caso será incluída no relatório final. Outro exemplo foram os problemas enfrentados por cooperativas latino-americanas durante 2010 e 2011, quando elas se viram forçadas a descumprir compromissos de vendas futuras a preços fixos porque, após altas acentuadas dos preços do café, os membros se recusaram a fornecer o produto aos preços combinados anteriormente. Os dois exemplos acima ilustram claramente que a agregação nem sempre é uma solução perfeita para melhorar o acesso a financiamento.

- e) Diferentes enfoques estão sendo testados para tentar evitar situações assim no futuro. Por ora, contudo, a experiência infelizmente reforça a percepção de que é arriscado emprestar a grupos de pequenos produtores, ou a eles diretamente, para financiamento da colheita, processamento e comercialização. Esse quadro leva a perguntas a respeito de como canalizar empréstimos aos pequenos produtores para financiar o (re)plantio e prover capital de giro. Notar, a propósito, que se precisa de muito mais tempo do que frequentemente se sugere para conseguir níveis adequados de ética de negócios e de respeito individual por obrigações contratuais, para não falar da capacidade de implementar soluções complexas de gestão de risco nas organizações em tela.
- f) É, portanto, simplista demais argumentar que a agregação leva automaticamente à melhoria do acesso a financiamento. Em vez disso, a eficácia da agregação varia de grupo para grupo e pode, ou não, incluir melhor acesso a financiamento através de vendas e empréstimos em regime de partilha. No entanto, há casos em que a agregação bem-sucedida facilita o acesso, e isso em geral acontece em paralelo com o acesso a técnicas e gestão de risco e outros melhoramentos. Esses casos reforçam o argumento de que as duas questões – melhoria da gestão de risco e acesso a financiamento – estão intimamente ligadas e, em comum, fortalecem a causa da obtenção de recursos tanto por indivíduos quanto por grupos. As cooperativas e outros tipos de organizações de agricultores também deveriam entender, porém, que lidar com comercialização e finanças requer gestão moderna, e isso, por sua vez, requer gestores profissionais. Os gestores são selecionados por mérito e não porque são membros ou porque têm ligações ou são promovidos por membros proeminentes. Um estudo de caso da Costa Rica (Anexo 6) exemplifica não só o que pode ser conseguido, mas também quanto tempo isso leva.

D) A entrada de instituições de empréstimo alternativas (orientadas por objetivos sociais)

Instituições de empréstimo orientadas por objetivos sociais, frequentemente atuando com o setor, desempenham um papel cada vez maior na facilitação do acesso dos produtores

a financiamento.³ É improvável que, por si só, tais iniciativas possam gerar os recursos necessários para o setor como um todo, pois, cumulativamente, elas ainda são pequenas. Além disso, elas e seus enfoques ainda são um tanto fragmentários se concentram em diferentes objetos e áreas de interesse. Com exceção do Fundo Rural do Rabobank, que utiliza os serviços de bancos parceiros, a maioria dos emprestadores orientados por objetivos sociais oferece empréstimos diretos. Há exceções, porém, em casos em que uma presença bancária foi criada no interior de um país – por exemplo, pela Opportunity International. Além disso, novidades interessantes resultam do uso da tecnologia da telefonia celular, melhorando o acesso a serviços financeiros em áreas remotas. Particularmente comum na África, esse fenômeno é em parte impulsionado por iniciativas do setor privado e pelos emprestadores orientados por objetivos sociais. E as Feiras Financeiras da FAST (FFFs), iniciadas pela Aliança Financeira para o Comércio Sustentável (FAST), reúnem emprestadores orientados por objetivos sociais e pequenas e médias empresas sustentáveis para discutir oportunidades de financiamento.^{4 5}

E) Os pequenos cafeicultores não são os únicos participantes do setor com déficits de financiamento

O financiamento é um problema não só para os pequenos cafeicultores e produtores em geral, mas também para outros participantes, como os colhedores e comerciantes, os processadores primários e para exportação, e os próprios exportadores. Por exemplo, empresas internas independentes costumam ter dificuldades de acesso a instrumentos apropriados de gestão de risco e, em consequência, também não conseguem facilmente (ou não conseguem em absoluto) obter financiamento adequado ou a preço razoável. Isso os coloca em clara desvantagem ao competir com participantes mais fortes, que podem se valer de apoio internacional, e representa um desafio genuíno que, em alguns casos, as circunstâncias internas não dão condições de enfrentar em posição de igualdade.

³ Por exemplo, Alterfin, Oikocredit, Progreso, Responsibility, Root Capital, Fundo Rural do Rabobank e Shared Interest, que são agrupadas informalmente como Conselho sobre Financiamento da Agricultura Sustentável (CSAF)

⁴ Até agora, nove FFFs foram realizadas na América Latina e na África, e a 10.^a está agendada para setembro de 2013, em Nairóbi, Quênia. A FAST ajuda candidatos a empréstimos, disponibilizando recursos e consultoria online para ajudar a preparar documentação que satisfaça às exigências dos emprestadores para entrarem em tais discussões. Em resultado, 23 empréstimos, em valor total de US\$21,5 milhões, foram concedidos até agora.

⁵ Notar também que em 2013 o recém-estabelecido Fundo de Acesso da Fairtrade International começou a conceder tanto financiamento comercial quanto empréstimos a longo prazo, até agora limitando-os a cooperativas na América Latina, mas com a intenção de estendê-los à Ásia e África. De interesse é que esses empréstimos também podem ser concedidos na moeda local dos mutuários, assim evitando o risco das taxas de câmbio que os empréstimos em moeda estrangeira acarretam. Também se tratará deste tópico no relatório final, mas, enquanto isso, sugere-se visitar <http://www.fairtrade.net>.

6. O caminho adiante / As próximas etapas

Para ir adiante, será necessário coletar mais dados de uma série extensa de fontes governamentais e não governamentais. Isso também incluirá a contratação de diversos estudos de caso relacionados com intervenções nacionais, regionais e específicas de gestão de risco e com programas de financiamento. Uma vez completada a coleta de dados, análise será feita para destilar as lições centrais que possam ser utilizadas para maneiras de conseguir melhor gestão de risco no setor cafeeiro e melhor acesso a financiamento. Os resultados dessa análise serão apresentados em um relatório final que se espera distribuir por volta de junho de 2014, a tempo de ser analisado na sessão do Conselho Internacional do Café de setembro de 2014. No entanto, o término do relatório dependerá da vontade de terceiros (tanto do setor público quanto privado) de compartilhar mais informações com a equipe do relatório.

Novamente solicitamos que os países Membros e outros participantes interessados apresentem comentários e orientação, assim como as informações adicionais que possam fornecer, quando disponíveis, sobre exemplos de metodologias e práticas utilizadas para incentivar os empréstimos aos setores cafeeiros de seus países, e sobre outros meios de reduzir os riscos para o setor cafeeiro e de ampliar a capacidade dos bancos de oferecer e disponibilizar financiamento.

Cronograma indicativo:

	Descrição	Estimativa da data da entrega
Coleta de dados	Novas solicitações de dados aos governos, setor privado, ONGs e outras organizações pertinentes.	Novembro de 2013
Identificação de estudos de caso	Identificação de estudos de caso de risco e financiamento em uma série de países produtores de café (tipologias múltiplas).	Outubro de 2013
Estudos de caso realizados	Estudos de caso contratados e realizados, e resultados finais recebidos.	Fevereiro de 2014
Análise / síntese	Análise / síntese realizadas pela equipe do projeto.	Abril de 2014
Projeto de relatório produzido	Produção do projeto do relatório e recebimento de feedback.	Mai de 2014
Relatório final produzido	Relatório final produzido.	Junho de 2014
Relatório final distribuído	Distribuído pela OIC na sessão de setembro de 2014.	Setembro de 2014

7. Anexos

Notas:

Os apêndices são incluídos para acrescentar detalhes significativos ao trabalho já efetuado no tocante a este relatório. Os estudos de caso são ilustrativos dos exemplos práticos, tanto de gestão de risco quanto de melhoria do acesso a financiamento, que continuarão a ser reunidos e utilizados como lições.

Embora haja um volume considerável de informações sobre países específicos, essas informações em geral são individualizadas e referentes a país por país, dificultando as comparações. Por isso, pontos altos referentes a cada país são apresentados, também na forma de quadros, no Anexo 4. Trata-se de uma minuta inicial, que será expandida à medida que mais informações forem chegando. Aqui também se solicita que os países Membros forneçam mais informações, quando necessário.

Embora frequentemente mencionada na literatura, nem sempre é fácil visualizar a própria cadeia de valor do café. No entanto, a compreensão da cadeia de valor é importante tanto para os produtores quanto para os emprestadores quando se deseja visualizar o setor cafeeiro como um todo. O Anexo 5, portanto, apresenta uma explicação geral da cadeia de valor do café, que oportunamente será expandida para ilustrar mercados consumidores reais.⁶

⁶ Uma cadeia de valor "consiste numa série de atividades que agregam valor a um produto final, começando com a produção, continuando com o processamento ou elaboração do produto final, e terminando com a comercialização e venda ao consumidor ou usuário final". Um enfoque de cadeia de valor pode, em alguns casos, racionalizar custos e potencialmente minimizar o risco para os participantes da cadeia. A cadeia integrada oferece aos que operam em seu âmbito (fornecedores, produtores, processadores e empresas comercializadoras) acesso a bens e serviços que facilitam a aquisição e venda dos produtos. Ver <http://www.fao.org/aq/aqs/agricultural-finance-and-investment/value-chain-finance/en/>